

A ESCOLÁSTICA TOMISTA E O PENSAMENTO LINGÜÍSTICO DE JOSÉ DE ANCHIETA, UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA

Leonardo Ferreira Kaltner¹ (UFF)
leonardokaltner@id.uff.br

RESUMO

A escolástica tomista foi uma das principais fontes de conceitos teóricos filosóficos da Idade Média ocidental, o que teve uma recepção no pensamento linguístico dos gramáticos medievais, e posteriormente uma recepção e continuidade na formação de ordens religiosos mesmo no período subsequente do Renascimento. Ainda que o período histórico em que viveu José de Anchieta (1534–1597) tenha sido conhecido pelo embate de teorias (Swiggers, 2019) entre escolásticos e humanistas, o humanismo cristão (Cavaliere, 2022) que emergiu na *Societas Iesu* (Companhia de Jesus) buscava o tom conciliatório entre a tradição escolástica e as inovações humanísticas, compreendidas em seu inestimável valor cultural, sobretudo na organização das missões nas colônias ultramarinas. Vamos debater algumas possíveis influências da filosofia tomista no pensamento linguístico de Anchieta, em conceitos teóricos básicos como arte, gramática, língua e uso.

Palavras-chave:

Anchieta. Escolástica. Gramaticografia.

ABSTRACT

Thomistic scholasticism was one of the main sources of philosophical theoretical concepts in Western medieval thought, which was received in the linguistic thinking of medieval grammarians, and later continued in the formation of religious orders even in the subsequent Renaissance period. Although the historical period in which José de Anchieta (1534–1597) lived was known for the clash of theories (Swiggers, 2019) between scholastics and humanists, the Christian humanism (Cavaliere, 2022) that emerged in the *Societas Iesu* (Society of Jesus) sought a conciliatory tone between scholastic tradition and humanistic innovations, understood in their invaluable cultural value, especially in the organization of missions in the overseas colonies. We will discuss some possible influences of Thomistic philosophy on Anchieta's linguistic thinking, in basic theoretical concepts such as art, grammar, language, and usage.

Keywords:

Anchieta. Scholasticism. Grammaticography.

1. Introdução

Os estudos de Historiografia da Linguística no Brasil são pautados pelo modelo koerniano de análise, isto é, pelos princípios historiográficos

¹ Agradecimento à FAPERJ pela concessão da bolsa Cientista Nosso Estado, sem a qual essa pesquisa não seria possível.

desenvolvidos por Konrad Koerner (2014) de contextualização, imanência e de adequação teórica. Esse capítulo de livro dialogará com dois desses princípios, o de contextualização e de imanência, tendo por objeto de análises a categoria de “pensamento linguístico” (*linguistic thought*), conforme o aparato teórico de Swiggers (2019). Nosso objeto de análise é um documento fundamental da gramaticografia brasileira, a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do brasil* (Anchieta, 1990 [1595]), escrita pelo missionário jesuíta José de Anchieta (1534-1597), no contexto da América portuguesa do século XVI, a obra responsável pela chegada da metalinguagem ocidental ao Brasil (Cavaliere, 2022).

A gramática de Anchieta é categorizada, teoricamente, em dois morfótipos de textos (Swiggers, 2019). É uma gramática missionária (Zwartjes, 2011), integrando um cânon específico de obras escritas entre os séculos XVI e XVIII, e é uma gramática latina estendida (Auroux, 1992), que adota em sua metalinguagem específica metatermos traduzidos e adaptados de gramáticas latinas.

Para se compreender o pensamento linguístico de Anchieta, devemos analisar em seu contexto o seu “horizonte de retrospecto” (Auroux, 1992), isto é, as obras filosóficas e gramaticais que estavam a seu alcance no século XVI, tendo em vista que, por sua biografia, podemos vinculá-lo à primeira geração de egressos do Real Colégio das Artes de Coimbra, em que teve uma estadia entre 1548 e 1553, quando então ingressou também na Companhia de Jesus.

Dessa forma, a sua formação intelectual estava vinculada à corrente de pensamento do humanismo cristão, uma síntese da formação escolástica medieval, tradicional nas ordens religiosas europeias da época, com as inovações do humanismo renascentista, sobretudo no estudo da gramática da língua latina por autores como Cícero. No capítulo, vamos debater conceitos teóricos gerais do pensamento linguístico de Anchieta, como: arte, gramática, língua e uso, presentes no título de sua gramática e averiguar uma possível fonte escolástica para tais conceitos.

2. O tomismo, uma possível fonte teórica de Anchieta

Pela formação teológica de Anchieta, uma das prováveis fontes de seu pensamento linguístico foi a escolástica, e mais especificamente, o pensamento tomista, registrado na *Summa Theologica*, que pode ter sido uma das fontes teóricas para os conceitos gerais empregados pelo missionário. Assim, para compreender a imanência de seu texto gramatical é interessante avaliarmos o que era compreendido em seu contexto de atuação como arte, gra-

mática, língua e uso, conceitos teóricos que estão presentes desde o título de seu texto gramatical.

O conceito teórico de “*ars*” (arte) estava vinculado na escolástica ao campo das “*artes liberales*” (artes liberais) que, por sua vez, tinha como disciplina a gramática, sendo no modelo escolástico medieval a gramática latina de *Donatus* (315–380 d.C.) a principal “*ars grammatica*” (arte gramatical) desse contexto. Se quisermos, porém, compreender de forma geral o que era o conceito teórico de “*ars*” para a concepção do pensamento de Anchieta, sobretudo quando empregado em conjunto com a disciplina de gramática, na formulação teórica “*ars grammatica*”.

2.1. Arte de gramática, uma formulação tomista?

O título da gramática de Anchieta inicia-se com a formulação teórica “arte de gramática”, uma formulação que concebe a própria sistematização do conhecimento segundo um modelo de pensamento, que podemos contrastar com a escolástica tomista na *Summa Theologica*, e em textos que derivaram dessa tradição cultural.

Para Tomás de Aquino (1225–1274) (2009–2013) o conceito de “*ars*” (arte) está inserido ao mesmo tempo no escopo de uma teoria geral do conhecimento e em uma racionalidade de finalidade prática, é uma atividade que articula o saber e o fazer. Nessa perspectiva escolástica, a *ars* é uma disposição racional que é voltada a uma finalidade de produção, uma “*recta ratio factibilium*” (razão retificada das coisas factíveis), isto é, é uma habilidade humana que se constitui por um conhecimento ordenado, com a finalidade de realizar algo, um produto. No caso da “*ars grammatica*”, a gramática latina de *Donatus* permite o aprendizado da leitura de textos latinos.

Esse conceito teórico é apresentado na *Summa Theologica* (I-II, q. 57, a. 3), quando Tomás de Aquino debate a relação dialética entre “*prudentia*” e “*ars*”, em que a prudência é considerada uma disposição racional para a ação (*recta ratio agibilium*) (razão retificada das ações) e não para a produção. A formulação teórica “arte de gramática” pode ser compreendida também como a “arte de uma ciência gramatical”, em que os dois conceitos teóricos arte e gramática (ciência) se contrapõem. A arte como um produto deriva de um conhecimento científico, e a ciência que Anchieta descreve é a gramática da língua tupinambá em sua obra, um texto que ensina a aprender a língua indígena, uma “*ars*”.

Essa “*ars*”, no sentido de técnica, de empregar a língua indígena na comunicação intercultural, era conhecida dos intérpretes quinhentistas que se comunicavam com os povos indígenas no litoral da costa do Brasil no século

XVI, sobretudo os que recebiam a alcunha de os “lingoas”, especialistas na comunicação intercultural. Dos esforços iniciais deles, surgiu o conhecimento gramatical posterior, registrado por Anchieta, a gramática, pois, era uma “*scientia*” e não uma “*ars*”. Nesse sentido, a “*ars grammatica*” (arte de gramática) para o missionário representava dois estágios diferentes da mesma atividade linguística, uma atividade prática (*factiva*) e um conhecimento teórico sobre a língua tupinambá (*thoretica*), tendo sido a primeira atividade desenvolvida anteriormente por intérpretes e a segunda dependente dos missionários conhecedores da gramática latina e da escolástica, de modo geral.

Na concepção tomista, a distinção entre “*ars*” e “*scientia*” orienta-se pelo fato de que a “*scientia*” é referenciada como um conhecimento demonstrável por evidências e organizado por um sistema, como uma disciplina, que tem por base princípios universais e necessários, como a ciência gramatical de *Donatus*. O saber da “*scientia*” é especulativo, ou “*theoreticus*”, pautado no entendimento da realidade por meio de causas e demonstrações, regidos pela teleologia aristotélica, isto é, uma finalidade, sem ser um fim em si mesmo. A especulação teórica, que sistematiza os atos de saber, para a “*scientia*” é cumulativo, o que permite a constituição da reflexão teórica sob uma dinâmica de busca das causas dos fenômenos observados. Anchieta ao descrever a língua tupinambá sob essa disciplina científica, a “*ars grammatica*” desenvolveu uma especulação teórica sob princípios universais e necessários, a gramática latina de sua época, assim como o seu conhecimento de dialética.

Já a “*ars*”, considerada um conhecimento de natureza prática e produtiva, em termos latinos: “*practicus*” e “*factivus*” emprega a reflexão teórica de uma forma mais indireta, apenas para a criação ou organização de alguma atividade, seguindo regras racionais implícitas na própria prática. Em termos linguísticos contemporâneos, a “*ars*” era uma atividade epilinguística, enquanto a “*grammatica*” era uma atividade metalinguística. A “*ars grammatica*” era a combinação dessas duas atividades teórico-práticas: epilinguística e metalinguística, que consistia nas atividades iniciais do intérprete de línguas indígenas da América portuguesa acrescidas das atividades filosóficas dos missionários, com formação humanística e escolástica.

Quadro 1: Comparação entre o conceito de língua de Quintiliano a Tomás de Aquino.

Aspecto	Quintiliano	Tomás de Aquino
Natureza da língua	Instrumento da oratória e da persuasão.	Sistema de signos convencionais.
Objetivo da língua	Clareza, correção e eficácia na comunicação oral.	Expressar pensamentos abstratos que refletem a realidade.
Relação com a razão	Deve seguir normas gramaticais e estilísticas para ser eficaz e	A linguagem é subordinada ao intelecto e à verdade.

	elegante.	
Origem da língua	Moldada pelo uso e pela tradição literária.	Criada por convenção humana, mas fundamentada na racionalidade.

2.2. Arte de gramática, uma formulação aristotélica?

A organização de saberes da “*ars grammatica*” remonta ao pensamento aristotélico, sob três princípios teóricos a toda sistematização das disciplinas escolásticas e mesmo à gramática humanística: a “*theoria*”, a “*práxis*” e a “*poiesis*”. Essa divisão epistêmica do conhecimento que remete a “*ars*” à “*poiesis*” e a “*grammatica*” à “*theoria*”, vincula a “*ars grammatica*” a um conhecimento linguístico prévio e à reflexão sobre o uso das línguas, isto é, uma prática especulativa sobre como a língua pode se tornar de instrumento um objeto de reflexões, passando a ser analisada por uma metalinguagem.

Esse processo de compreender a língua pela língua, que gerou a especulação teórica pela linguagem gerou um produto específico, a gramática, que abarcou para si as reflexões epilinguísticas que a antecederam, sobretudo a prática poética. Dessa forma, no modelo de pensamento aristotélico, a gramática é uma prática metalinguística posterior à prática poética, e dela derivada como uma reflexão teórica sobre o próprio uso da língua. Essa concepção aristotélica influenciou posteriormente na constituição da gramática latina e do Renascimento, por influência da via tomista, para os humanistas cristãos vinculados às ordens religiosas, ou do contexto românico.

Anchieta, por exemplo, além da “arte de gramática” produziu também uma vasta obra de cultura letrada na América portuguesa quinhentista, como exercício epilinguístico, isto é, como forma de ensinar e de aprender línguas em sua tarefa como missionário humanista. Sua criação poética pode ser justificada como um exercício gramatical avançado, em que exercitava as regras gramaticais mais complexas da gramática latina, e de outras línguas, a fim de demonstrar construções teóricas complexas de forma especulativa, como atividade epilinguística, ou como forma de testar uma teoria. Nesse sentido, podemos compreender os poemas escritos na língua tupi, por exemplo, além de seu emprego prático na comunicação intercultural promovida pela catequese indígena.

Por uma concepção aristotélica de pensamento, podemos entrever que Anchieta tinha uma finalidade em sua obra, havia uma teleologia em cada um de seus escritos, e essa finalidade certamente era a conversão dos povos originários pela via da cultura letrada, isto é, a catequese e a doutrinação cristã, desenvolvida sob a disciplina da gramática, como prática metalinguística, e sob a poética, como prática epilinguística. Esse “*modus faciendi*” do

humanismo cristão legou à posteridade obras diversas dentro da concepção de “*paideia*” aristotélica comum aos missionários do século XVI, ainda que transmitidos pela via ciceroniana e apoiada na escolástica tomista. Esse aristotelismo intelectual teria sido uma das marcas da cultura jesuítica no Brasil dos séculos XVI ao XVIII, quando houve uma ruptura com modelos de pensamento, e mesmo de gramática.

2.3.O conceito de língua: de Varrão aos escolásticos, dos escolásticos aos humanistas

O conceito de língua empregado por Anchieta, no título de sua gramática, é derivado de uma longa tradição de pensamento linguístico ocidental, de fundo latino, o que Auroux (1992) delimitou como “gramática latina estendida”. Em língua portuguesa, o conceito oscilava entre “língua” e “linguagem”, desde as primeiras gramáticas vernáculas (Buescu, 1984), mas a origem do conceito remonta ao pensamento latino de Cícero, Varrão e de Quintiliano, retomado no período medieval por Agostinho, Isidoro de Sevilha e Tomás de Aquino, o que, por sua vez influiu nos humanistas do Renascimento, inclusive os humanistas ibéricos como Anchieta (Bagno, 2023).

O vocábulo latino “*lingua*” (língua), tradução do vocábulo grego “*γλώσσα*”, inicialmente significava um dos órgãos do corpo para a produção da fala, por abstração o vocábulo passou a significar os sistemas linguísticos, ainda no período antigo romano. O vocábulo “*vox*” (voz) era também concorrente ao vocábulo “*lingua*” para exprimir o que compreendemos pelo conceito contemporâneo de língua, tendo em vista que “*lingua*” era o sistema falado, e não propriamente o sistema escrito da língua latina.

O gramático latino Prisciano, da época de Justiniano, cita Varrão, ao empregar o termo “*lingua latina*”, com o sentido contemporâneo que empregamos: “*Pompilius in epigrammate. quod M. Varro in libris qui. sunt de lingua Latina refert: tua amica senex*” (“Pompílio, em um epigrama que Marco Varrão menciona nos livros *Sobre a Língua Latina*, (diz): Tua velha amiga), nas *Institutiones Grammaticae*, III, 11, 4 (Priscianus, 1855, p. 90). Quando o gramático se refere ao latim e ao grego emprega geralmente os termos “*Latina*” e “*Graeca*”.

3. Considerações finais

Quando Anchieta escreveu a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, diversos conceitos teóricos, empregados pelo gramático, já estavam em discussão desde a Antiguidade Clássica, tendo passado pelo

crivo da lógica especulativa medieval. Os humanistas do Renascimento, sobretudo os que tiveram formação escolástica, no seio das ordens religiosas, não eram desconhecedores do pensamento tomista e mesmo de autores da Patrística latina, ainda que conhecidos por fontes indiretas.

Na perspectiva tomista e escolástica em geral, a “*ars grammatica*” ainda é predominantemente uma *ars*, porque seu objetivo principal é fornecer regras para a prática linguística. Mas ela também pode ser analisada sob um viés especulativo (*scientia*), especialmente quando se busca compreender os fundamentos universais da linguagem. Essa tensão entre “*ars*” e “*scientia*” marca a evolução dos estudos gramaticais ao longo da Idade Média e do Renascimento, e com certeza influenciou no pensamento linguístico de Anchieta ao escrever a sua “Arte de gramática”.

Os conceitos de arte, gramática e língua, empregados por Anchieta no título de sua gramática, derivaram de uma longa tradição do mundo ocidental que aportou em sua metalinguagem empregada para descrever uma língua indígena na América portuguesa do século XVI, o Brasil quinhentista. Esse documento se constituiu como o primeiro registro textual de uma obra com reflexões metalinguísticas no contexto brasileiro. Por ser um texto singular, merece ser revisitado pela pesquisa de Estudos de Linguagem no Brasil do século XXI, sobretudo nos esforços de torná-lo mais acessível aos novos leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCHIETA, José de. *Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990 [1595].

AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2009-2013.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: EdUnicamp, 1992.

BAGNO, Marcos. *Uma história da linguística*. São Paulo: Parábola, 2023.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Historiografia da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1984.

CAVALIERE, Ricardo. *História da gramática no Brasil – séculos XVI ao XIX*. Petrópolis: Vozes, 2022.

KALTNER, Leonardo Ferreira. Latin in colonization of sixteenth century Brazil. *Cadernos de Letras da Uff*, n. 26 (53), p. 39-60, 2016.

_____. Monumenta Anchietana à luz da Historiografia Linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso-SJ (1906–2002). *Cadernos de Linguística da Abralín*, ano 1, n. 1, p. 01-15, 2020a.

PRISCIANO. *Institutionum grammaticarum libri XIV, XV & XVI*. In: KeIL, heinrich [ed.]. *Grammatici Latini*. Leipzig: Georg olms Verlagsbuchhandlung hildesheim, 1961[1855].

QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Les Belles Lettres, 1980. t. VI.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas e problemas. In: BATISTA, Ronaldo *et al.* *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 45-80.

ZWARTJES, Otto. *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil*. Amsterdam: John Benjamins, 2011.